

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO FOLCLORE

Ainda continuam sendo muitos os que olham o Folclore com certo desdém, por cima dos ombros, como sendo coisa sem importância, coisa de matuto que fala errado e acredita em tudo quanto é tolice, besteira. Este falso conceito de Folclore está ainda mais presente na boca de pessoas mais idosas e, até mesmo, de alguns antropólogos mais radicais que esposam teorias e mais teorias de profundo saber, donos que são de uma terminologia cientificamente elitizada, mas esquecidos de que a sabedoria popular sempre existiu desde os tempos imemoriais, muito antes, mesmo, da existência de tipografias e universidades, quando a comunicação se processava através dos séculos, pela oralidade, de avô para neto, de pai para filho.

Esquecem, tais pessoas, que o Folclore foi o marco-zero, o ponto de partida de todos os conhecimentos humanos, de todas as ciências. Assim, o Direito Consuetudinário - repositório dos mais velhos costumes e das mais antigas tradições morais - serviu de base e alicerce para a legislação atual de todos os povos. Não se lembram os ilustres médicos que a medicina empírica - com seus remédios girando em torno de ervas, tubérculos e raízes - foi o começo da medicina científica que continua usando as plantas industrialmente, apelando sempre para a riqueza da nossa flora. Fazem ouvidos de mercador certos experts em música, relegando a um segundo plano a importância da música folclórica, criada pelo povo que não tem noções de harmonia, sustentidos e compassos, na qual Villa-Lobos, Camargo Guarnieri e Levino Ferreira foram se inspirar na composição de belíssimas páginas da música brasileira. Não compreendem alguns poetas que são tão poetas como os nossos improvisadores, nos desafios, em suas mais variadas modalidades, capazes de dizer, como o poeta popular Antônio Pereira, de São José do Egito, coisas tão bonitas como este seu poema sobre a saudade:

*- "Saudade é um parafuso  
que tendo rosca, não cai.  
Só entra se for torcendo,  
porque, batendo, não vai  
e quando enferruja dentro  
nem destorcendo ele sai..."*

*Quem quiser plantar saudade,  
escalde bem a semente  
e plante na terra seca  
em dia de sol bem quente,  
pois se plantar no molhado,  
ela nasce e mata a gente..."*

Não percebem os escultores - com seus cinzéis, seus escopos e seus martelos, trabalhando em madeira de lei ou em mármore de Carrara, que o mestre Vitalino e outros ceramistas populares do Nordeste, usam apenas a imaginação, as mãos ásperas e calejadas pelos cabos das enxadas e o barro amassado com o suor de seus rostos - o mesmo material usado por Deus quando criou o Homem - para também criar um mundo de arte, de sonho e de beleza através de peças que se encontram expostas nos museus das principais cidades do mundo.

Acontece que não são apenas alguns médicos, poetas, escultores, compositores e outras pessoas instruídas que estão relegando o folclore a um segundo plano. Até mesmo o próprio povo, principalmente nas grandes cidades, está se divorciando um pouco de suas raízes, numa transição do ontem tradicional para o hoje tecnológico.

E por que o povo, principalmente das grandes cidades, está se distanciando de suas origens, de suas raízes, de suas tradições? Eis uma pergunta merecedora de algumas respostas.

O Nordeste do começo do século era um mundo muito limitado. O homem era mais prisioneiro de sua fazenda, de seu povoado, de sua cidade. Quase ninguém sabia ler e os que eram alfabetizados só recebiam os jornais, transportados no dorso dos cavalos, muitos dias depois de publicados, quando os acontecimentos já haviam acontecido. Depois, estradas foram abertas, escolas foram instaladas, apareceu o trem encurtando as distâncias e devorando as nossas matas. A derrubada das matas, para alimentar as locomotivas, fez com que as chuvas ficassem ainda mais escassas, o que causou sérios problemas à vida econômica da região. Veio a seca. Com a seca, a necessidade de migrar para o Sul. Os nossos homens do campo, mesmo sem serem mão-de-obra especializada, saíram à procura de qualquer tipo de trabalho que garantisse o sustento da família. O nordestino passou a ser um nômade, levando, consigo, sua bagagem sentimental, provocando, assim, a destruição das fronteiras do seu mundo municipal, do seu cosmo estadual, do seu universo regional, no que contou com a participação da televisão massificante, adquirindo novos costumes, modificando seu linguajar, alterando seu comportamento, sua maneira de vestir, seus dogmas religiosos e morais. Regressando do Sul para rever a família, o nordestino chegou vestindo blusas multicoloridas, usando óculos ray-ban, com um radinho de pilha a tiracolo. Não era mais o mesmo nordestino quando saiu daqui, embarcado nos paus-de-arara. E os que não retomaram ao Eldorado sulista, com o pouco dinheiro que conseguiram trazer, compraram suas casas nas vilas e cidades, deram adeus às atividades agropecuárias, passaram a ser cidadãos, um tanto ou quanto divorciados de suas raízes.

Os jovens que vieram do interior cursar as universidades nas capitais viram seu universo intelectual implodir ante as conquistas das ciências e o avanço da tecnologia. Adquiriram revolucionários conhecimentos, novos e diferentes hábitos, sepultando, com a infância distante, as suas crenças e tudo quanto constituía o seu mundo. Alguns passaram até a se sentir envergonhados de haverem nascido no interior, de serem matutos e, durante as férias, contribuíram até para a modificação dos hábitos familiares contidos na bagagem folclórica acumulada durante séculos, misturando o tradicional e o moderno, estabelecendo, assim, uma certa confusão entre o real e o imaginário, entre o tecnológico e o folclórico. Mesmo assim acontecendo, muitos ainda conservam costumes herdados de seus antepassados.

Talvez, também, em conseqüência de sua dinamicidade e por motivos outros, o Folclore está vivendo uma série de dificuldades por culpa não somente dos poderes públicos como também do povo, de um modo geral. Cada carnaval que passa assistimos ao aumento considerável das escolas de samba que, por incrível que pareça, são em maior quantidade e recebem maiores subvenções do que os clubes, os blocos, as troças, os maracatus e os caboclinhos. Todo mundo sabe que o Recife é a única cidade brasileira que tem, no frevo, uma música própria, característica, somente nossa. E o que acontece? Durante os festejos momescos o samba e o reggae do Caribe tentam, cada vez mais, sufocar o mais marcante gênero musical carnavalesco pernambucano. Não seria mais certo se o povo e os poderes públicos valorizassem o que é nosso, protegendo a memória recifense, dando prioridade ao frevo? Não seria mais certo se os poderes públicos e os diretores de clubes contratassem as orquestras, relegadas a um segundo ou terceiro planos, exibindo

orquestras e cantores alienígenas que nada têm a ver com o nosso carnaval? Passado o carnaval, nas festas sociais, as orquestras e os cantores de fora poderiam ser convidados. Nós, os folcloristas não somos contra o rock, o bolero, o reggae, o blues, de maneira nenhuma. Eu mesmo tenho fitas e discos de toda música, não importa a nacionalidade, clássica e popular, porque a música é universal, não tem fronteiras, mas tem época como o frevo, tem passado como o frevo, é característica do nosso carnaval como é o frevo. Que as Freviocas percorressem as ruas da cidade tocando frevo, valorizando, sem nenhum bairrismo, a nossa música. Deviam, os poderes públicos, subvencionar melhor os nossos blocos, os nossos maracatus, os nossos caboclinhos, as nossas troças, o nosso carnaval. Fica aqui o nosso apelo, o apelo de todos os folcloristas pernambucanos, aos senhores Governador e Prefeito, aos senhores Deputados e Vereadores, no sentido de ajudarem a manter viva a chama de uma tradição tão nossa, tão pernambucanamente recifense.

E o nosso São João, como é que vai? Aqui, no Recife, é uma tristeza observar como estão descaracterizando os festejos juninos no seu todo, as quadrilhas, principalmente. Todos sabem que a música própria das quadrilhas é o baião. E o que está acontecendo? Estão simplesmente substituindo o baião por músicas do Caribe que nada têm a ver com as tradicionais festas de São João. E as roupas dos participantes das quadrilhas estão cada vez mais elitizadas, desde o modelo usual até os tecidos usados na confecção das vestimentas. As quadrilhas estão mais parecidas, no vestuário, com as escolas de samba. Há quadrilhas que adotam um tema. Li nos jornais recifenses que determinada quadrilha tinha como tema a seca do Nordeste. Quadrilha não tem tema, não tem enredo, como todos sabem. E o casamento de matutos é apresentado de maneira caricata, mostrando um noivo com as calças remendadas com tecidos completamente diferentes. Uma tristeza. E o que fazer? Reunir os organizadores das quadrilhas e mostrar-lhes tudo que está errado para que as quadrilhas se apresentem dentro dos cânones da tradicionalidade.

E o que fazer para que o Folclore não perca suas características próprias? Em primeiro lugar precisamos divulgar o nosso Folclore em toda a sua pureza. Por que não usar, na decoração das residências, bonecos de barro, talhas, cerâmica decorativa, santos de madeira ou de barro? Por que não voltarmos a ler os folhetos de feira que deram tanta motivação para que o nosso Ariano Suassuna escrevesse suas peças de teatro e seu romance? Os folhetos são o tema de muitas teses de mestrado defendidas por estudiosos da Alemanha, da França, dos Estados Unidos, do Japão e outros países do primeiro mundo. Os estrangeiros quando chegam aqui no Nordeste ficam maravilhados com a nossa literatura popular em verso, com os nossos folhetos de feira. Agora mesmo, vai casar no próximo dia 12 de setembro David Jasmin - que deu um curso de Física Nuclear na Universidade Federal de Pernambuco - com Elise Grunspan, uma pesquisadora francesa, e o convite de casamento é todo motivado em capas de folhetos de feira. Querem ver como os estrangeiros são apaixonados pelo nosso Folclore? A pesquisadora alemã Regine Algayer-Kaufmann, da Universidade de Berlim, passou seis meses embrenhada nos sertões nordestinos e já publicou, em alemão, um excelente trabalho em dois volumes, intitulado *O aboio do vaqueiro nordestino*, estudo que inclui a musicografia completa do aboio dos nossos vaqueiros sertanejos.

Agora, eu faço uma pergunta: se os estrangeiros valorizam tanto o nosso Folclore por que, nós, os brasileiros, vamos ficar de braços cruzados, assistindo à descaracterização do que nós temos de mais interessante, de mais bonito, de mais tradicional? Vamos à luta, uma luta que deve contar com a participação de todos, em defesa de nossas tradições, de nossas raízes, do nosso Folclore. Agora, no apagar das luzes deste século tão importante para a humanidade, a tecnologia

está comandando os destinos da raça humana, através das mais revolucionárias invenções que estão, cada dia que passa, mudando o destino das gentes. A informática, as viagens espaciais, a televisão e outros sonhos de Leonardo da Vinci e de Júlio Verne - mestres, no mundo da ficção científica do passado - fizeram com que o homem caminhasse com botas de sete léguas na história do progresso.

Ante o avanço extraordinário da tecnologia, será que o Folclore está começando a morrer? Não; o homem, apesar do avanço da tecnologia, continuará sendo o mesmo homem, sonhando sempre, cada qual pensando e agindo de maneira diferente, armazenando no seu íntimo, sua maneira de pensar, de ser, de agir, sempre voltado para o sobrenatural que é a maior interrogação na vida de todos nós, sempre povo, vivenciando tudo quanto foi herdado de seus ancestrais. E enquanto existir o homem, enquanto houver povo, o Folclore jamais deixará de ser o espírito, a tradição, o passado, o alicerce de um povo na sua eternidade.

Querem uma prova da eternidade do Folclore? Um americano, o primeiro homem a pisar o solo lunar, fê-lo com o pé direito, para ter sorte na sua caminhada pelo chão desconhecido e misterioso da Lua. Outro navegante do espaço - um russo - levou, em sua companhia, como mascote, uma cadela. Os remédios populares, existentes desde os tempos imemoriais, estão sendo cada vez mais usados por não causarem efeitos colaterais. Os folguedos populares, as cantigas, as crendices, as adivinhações, a literatura popular em verso, a linguagem popular, o carnaval, tudo continua vivo, existindo, fazendo parte da vida de todos nós.

Eis as razões pelas quais eu acredito na eternidade do Folclore, que continua sendo o meu sonho e a minha luta, a minha razão intelectual de existir, tendo como meta o trabalho de registrar pequenos detalhes folclóricos antes que se percam nas dobras do tempo, pensando como nosso Pereira da Costa: "*Sou um simples cronista, como que o rudo mineiro que desce às profundezas da terra, extrai o diamante informe, cheio de impurezas e o entrega ao perito e paciente lapidário para lhe dar brilho e valor.*"

Fonte: MAIOR, Mário Souto. *Folclore etc e tal*. Recife: 20-20 Comunicação Editora, 1995.124p.